



Jane Tutikian

Um time muito especial

ENTRE
LINHAS
COTIDIANO

Ilustrações:
Daisy Startari

 **Atual**
Editora

14ª edição

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Edilene Martins dos Santos /
Marcelo Zanon

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura • Veio Libri

Projeto de trabalho interdisciplinar • Lúcia Leal Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tutikian, Jane

Um time muito especial / Jane Tutikian ; ilustrações Daisy Startari. – 14. ed. – São Paulo :
Atual, 2009 – (Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1129-5

1. Literatura infantojuvenil I. Startari, Daisy.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jane Tutikian, 1993.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

11ª tiragem, 2019

CL: 810585

CAE: 576139

Sumário

Um tal regulamento 5

A descoberta da voz 13

O perigo iminente 29

Salve-se um amigo 43

Nem por ouro nem por prata 56

Um time muito especial 68



A autora 77

Entrevista 79

Para a Lúcia I.P.E. e as
crianças do Roque Gonzáles,
meu time do coração.

“ – És ainda muito moço – respondeu Athos –
e as tuas lembranças amargas terão tempo de se
trocarem em doces lembranças.”

Alexandre Dumas, Pai, em
Os três mosqueteiros.

Um tal regulamento



Não posso dizer, hoje, que nosso time fosse o melhor, mas que era especial, ah! lá isso era!

A começar pelo goleiro, o Ricardo, que enxergava quase nada e usava uns óculos de lentes grossas como fundo de garrafa.

Não tinha bola que não conseguisse pegar, mas, antes, quase matava a gente de susto: esperava que ela chegasse bem perto, tirava os óculos do rosto – porque, se quebrasse aqueles, não teria outros –, botava-os na cintura e aí, sim, defendia.

Isso se passava em milésimos de segundo, mas para nós, até que vissemos a bola presa no seu abraço, era como se o tempo parasse. Assim:



Na zaga, ficava o Montanha. Ele era enorme!

A gente que inventou esse nome para ele. Não falava com ninguém. Uns diziam que era mudo. Outros, bobo. Não importa! Era uma máquina de defesa! Um trator que levava pela frente o que quer que fosse para impedir o gol e abria um sorriso grande, meio debochado, cada vez que derrubava um.

Cláudia era nosso peão. Armava cada jogada de enlouquecer adversário. Se não fosse pelo futebol, no qual era um cracão, era porque era bonita, a danada!

O lateral esquerdo, o Julinho, era dos melhores.

Magrinho e bem preto, entrava na área com facilidade e marcava cada golaço de deixar a defesa adversária toda parada, procurando a bola perdida no horizonte, e ela, ali, descansando na rede, decerto vibrando com nossos gritos e abraços, decerto nos perdendo pelos nossos chutes, decerto procurando pelo Julinho. Não é verdade que a bola sempre procura os melhores jogadores? Ou será que os melhores jogadores é que sabem exatamente onde encontrá-la?

Julinho sempre sabia. Estava sempre no lugar certo na hora certa. Só que fazia interromper seguidamente o jogo e, às vezes, até no melhor momento, para usar a bombinha de respirar.

Acho que Carlos, o lateral direito, era o único como os outros. Sabe como é? Todo arrumadinho, toque certo, lado do pé, meio do pé, peito do pé. Explicava nossos erros, pedia calma, muita calma, e montava nossas jogadas ensaiadas. Sabia tudo. Até estudar em colégio particular estudava.

Eu, na outra zaga, não era mais do que um grande sonhador.

É. Acho que foi por isso mesmo que nos inscrevi no campeonato mirim de futebol de salão da cidade.



A gente passou bem pelas eliminatórias e pelas semifinais e, se no começo do campeonato as pessoas não acreditavam muito em nós, agora já nos olhavam com olhos de quem pressente perigo.

E como era bom sentir isso!



Depois do almoço, antes que seu Adolpho abrisse o armazém e eu tivesse que começar as entregas, ficava sentado na calçada, assim, um tempão, só vendo a Cláudia, feito o Carlos Alberto erguendo a taça, o sorriso bobo do Montanha e os óculos molhados do choro do Ricardo – chorão como ele, só eu – e o Julinho interrompendo a

volta no campo para usar a bombinha e o Carlos imitando o Sócrates na entrevista da *Gazeta da Cidade*:

– A gente fez o que pôde. Foi resultado do esforço de todos, de muito treino e do apoio da torcida.

Eu até podia ouvir os gritos e assobios e palmas e ondas que vinham das arquibancadas.

O pessoal do coleginho tinha até faixas com o nosso nome escrito, e nosso nome vibrava, dançava, pulava.

Pedaços de papel picado ficavam voando, voando no meio da poeira da cancha e do carnaval.

Só que...



O sonho explodiu feito balão de gás, quando não nos quiseram deixar entrar em campo na final.

O treinador do outro time, Dr. Celestino, que também era promotor na cidade, entrou com um recurso alegando que nosso time não estava de acordo com o regulamento.

Havia, sim, toda aquela torcida que eu tinha imaginado. O pessoal do coleginho e do Colégio Particular e até do Seminário estava todo lá. Tinha até faixas e uma bandinha, que não parava de tocar músicas de carnaval.

O papel picado vinha flutuando de mansinho ao encontro da gente, mas.

Em vez da alegria do sonho, nós ficamos mesmo foi atordoados.

O juiz não nos deixava ultrapassar os limites amarelos da quadra e aquela gente toda gritando, gritando, gritando.

Foi Carlos a perguntar:

– Afinal, qual é o problema?

Só que não havia resposta.

O juiz, sem nos olhar muito, insistia, cheio de gestos de cabeça e de braços, que não jogaríamos, e o Dr. Celestino nos olhava de uma maneira estranha, enquanto o outro time aguardava dentro da cancha.

As pessoas foram se chegando em volta de nós. Uns empurravam. Outros riam. Outros vaiavam.

Havia quem quisesse dar no juiz – j-u-i-z eu nunca vou ser, pensei –, “seu filho da puta”, mas havia também quem dissesse “deixa pra lá”.

O juiz era o seu Arthur, gerente da agência do Banco do Brasil.

Eu até gostava dele. Todas as quartas-feiras fazia a entrega do armazém na sua casa e, então, ia mais tarde, quando sabia que ele estava tomando chimarrão no jardim, só para a gente conversar um pouco.

Ele sabia tudo de futebol, conhecia bem tudo quanto era jogador e ficava um tempão só falando na copa do tricampeonato.

Além disso, eu espiava pela janela, tinha uma sala inteira cheia de livros e eu ficava pensando que lá, no meio deles, devia ter muitos de poesia e, então, ficava olhando, olhando e pensava que, um dia, ia ter coragem de pedir para ver de perto cada um daqueles livros, tocar, com a ponta dos dedos, tocar cada um deles como quem toca no maior tesouro do mundo e, talvez, até pedir algum emprestado para levar para a minha casa e tudo.

Um dia, quando tivesse coragem. Agora não.

O Dr. Celestino andava junto com o juiz. Assim: grudado: num mesmo passo: num mesmo gesto: para lá e para cá: que *não* com as mãos: que *não* com a cabeça.

